

Trilogia social buarqueana.
***Sobre denúncia–resistência–esperança nas canções: Sinhá,
As Caravanas e Que Tal Um Samba?***

Buarquean social trilogy.
On *denunciation-resistance-hope* in songs: *Sinhá, As
Caravanas e Que Tal Um Samba?*

Ronaldo Cavalcante¹

RESUMO

Chico Buarque construiu em quase seis décadas um cancionário bem vinculado à realidade brasileira, em seu caráter político, mas essencialmente com temáticas sociais em seus aspectos individuais e coletivos. Trafegou por vários estilos musicais, porém, o samba foi sua preferência maior. Mesmo sendo um compositor popular, suas letras são bem sofisticadas em termos de conceitos abordados e principalmente no uso da língua portuguesa. Diversas canções contêm elementos religiosos da cultura popular; nas três músicas aqui contempladas eles estão ora presentes de forma clara ou implícitos. São sambas densos, letramento impactante, dialogando diretamente com a nossa identidade cultural e com nosso momento político, trazendo à tona nossos eternos problemas não resolvidos, classismo, misoginia, intolerância, racismo, corrupção, entre outros. Objetiva-se nesse artigo a identificação de elementos religiosos presentes nas letras dos referidos sambas, utilizados como forma de compreensão do momento sociopolítico brasileiro. São canções de denúncia, por isso mesmo de resistência, apontando alternativas de esperança. Esta trilogia musical elabora, pois, uma radiografia do que somos como sociedade e nação.

Palavras-chave: Chico Buarque, denúncia, resistência, esperança, canções.

ABSTRACT

In almost six decades, Chico Buarque built a songbook well linked to the Brazilian reality, in its political character, but essentially with social themes in their individual and collective aspects. He traveled through several musical styles, however, samba was his biggest preference. Even though he is a popular composer, his lyrics are very sophisticated in terms of the concepts covered and especially in the use of the Portuguese language. Several songs contain religious elements from popular culture; in the three songs contemplated here this elements are present either clearly or implicitly. These are dense sambas, with an impactful literacy, dialoguing directly with

¹ Professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie, doutor e pós-doutor em teologia e pesquisador no campo da teologia pública contemporânea e em teologia da espiritualidade. Nos últimos anos, tem se dedicado também a conhecer o cancionário buarqueano em sua relação com temas religiosos. Contato: ronaldopcavalcante@yahoo.com.br

our cultural identity and with our political moment, bringing to light our eternal unresolved problems, classism, misogyny, intolerance, racism, corruption, among others. The objective of this article is to identify religious elements present in the lyrics of the mentioned sambas, considered as a way of understanding the Brazilian sociopolitical moment. They are songs of denunciation, and for that very reason of resistance, that point out alternatives of hope. This musical trilogy therefore elaborates an X-ray of what we are as a society and nation.

Keywords: Chico Buarque, denunciation, resistance, hope, songs.

RESUMEN

En casi seis décadas, Chico Buarque construyó un cancionero bien involucrado a la realidad brasileña, en su carácter político, pero esencialmente con temas sociales en sus aspectos individuales y colectivos, Transitó por varios estilos musicales, sin embargo, la samba fue su mayor preferencia. Aunque es un autor popular sus letras son muy sofisticadas en términos de conceptos que cubre, especialmente en el uso del idioma portugués. Varias canciones contienen elementos religiosos de la cultura popular; en los tres cantos aquí contemplados estos están clara o implícitamente presentes. Son sambas densas, letras impactantes, que dialogan directamente con nuestra identidad cultural y con nuestro momento político, sacando a la luz nuestros eternos problemas irresueltos, el clasismo, la misoginia, la intolerancia, el racismo, la corrupción, entre otros. El objetivo de este artículo es identificar los elementos religiosos presentes en las letras de las sambas mencionadas, utilizadas como forma de comprensión del momento sociopolítico brasileño. Son cantos de denuncia, por eso mismo de resistencia, señalando alternativas de esperanza. Esta trilogía musical elabora pues, una radiografía de lo que somos como sociedad y como nación.

Keywords: Chico Buarque, denuncia, resistencia, esperanza, canciones.

Sinhá (2011)

Se a dona se banhou Eu não estava lá/ Por Deus, nosso Senhor/ Eu não olhei, Sinhá/ Estava lá na roça/ Sou de olhar ninguém/ Não tenho mais cobiça/ Nem enxergo bem/ Pra quê me por no tronco/ Pra quê me aleijar/ Eu juro a vosmecê/ Que nunca vi Sinhá/ Por que me faz tão mal/ Com olhos tão azuis/ Me benzo com o sinal/ Da Santa Cruz/ Eu só cheguei no açude/ Atrás da sabiá/ Olhava o arvoredo/ Eu não olhei Sinhá/ Se a dona se despiu/ Eu já andava/ além/ Estava na moenda/ Estava para Xerém/ Por que talhar meu corpo/ Eu não olhei Sinhá/ Pra quê que vosmincê/ Meus olhos vai furar/ Eu choro em ioruba/ Mas oro por Jesus/ Pra quê que vassumcê/ Me tira a luz/ E assim vai se encerrar/ O conto de um cantor/ Com voz do pelourinho/ E ares de senhor/ Cantor atormentado/ Herdeiro sarará/ Do nome do renome/ De um feroz senhor de engenho/ E das mandingas de um escravo/ Que no engenho enfeitou Sinhá

As Caravanas (2017)

É um dia de real grandeza, tudo azul/ Um mar turquesa à la Istambul enchendo os olhos/ Um sol de torrar os miolos/ Quando pinta em Copacabana/ A caravana do Arará, do Caxangá, da Chatuba/ A caravana do Irajá, o comboio da Penha/ Não há barreira que retenha esses estranhos/ Suburbanos tipo muçulmanos do Jacarezinho/ A caminho do Jardim de Alá/ É o bicho, é o buchicho, é a charanga/ Diz que malocam seus facões e adagas/ Em sungas estufadas e calções disformes/ É, diz que eles têm picas enormes/ E seus sacos são granadas/ Lá das quebradas da Maré/ Com negros torsos nus deixam em polvorosa/ A gente ordeira e virtuosa que apela/ Pra polícia despachar de volta/ O populacho pra favela/ Ou pra Benguela, ou pra Guiné/ Sol, a culpa deve ser do sol/ Que bate na moleira, o sol/ Que estoura as veias, o suor/ Que embaça os olhos e a razão/ E essa zoeira dentro da prisão/ Crioulos empilhados no porão/ De caravelas no

alto mar/ Tem que bater, tem que matar, engrossa a gritaria/ Filha do medo, a raiva é mãe da covardia/ Ou doido sou eu que escuto vozes/ Não há gente tão insana/ Nem caravana do Arará/ Não há, não há

Que Tal Um Samba? (2022)

Um samba/ Que tal um samba?/ Puxar um samba, que tal?/ Para espantar o tempo feio/ Para remediar o estrago/ Que tal um trago?/ Um desafio, um devaneio/ Um samba pra alegrar o dia,/ pra zerar o jogo/ Coração pegando fogo e cabeça fria/ Um samba com categoria, com calma/ Cair no mar, lavar a alma/ Tomar um banho de sal grosso, que tal? Sair do fundo do poço/ Andar de boa/ Ver um batuque lá no cais do Valongo/ Dançar o jongo lá na Pedra do Sal/ Entrar na roda da Gamboa/ Fazer um gol de bicicleta, dar de goleada/ Deitar na cama da amada e despertar poeta/ Achar a rima que completa o estribilho/ Fazer um filho, que tal?/ Pra ver crescer, criar um filho/ Num bom lugar, numa cidade legal/ Um filho com a pele escura/ Com formosura/ Bem brasileiro, que tal?/ Não com dinheiro/ Mas a cultura/ Que tal uma beleza pura no fim da borrasca?/ Já depois de criar casca e perder a ternura/ Depois de muita bola fora da meta/ De novo com a coluna ereta, que tal?/ Juntar os cacos, ir à luta/ Manter o rumo e a cadência/ Desconjurando a ignorância, que tal?/ Desmantelar a força bruta/ Então, que tal puxar um samba?/ Puxar um samba legal/ Puxar um samba porreta/ Depois de tanta mutreta/ Depois de tanta cascata/ Depois de tanta derrota/ Depois de tanta demência/ E uma dor filha da puta, que tal?/ Puxar um samba/ Que tal um samba?/ Um samba.

Prólogo

Francisco Buarque de Holanda (19/06/1944), ou, simplesmente Chico Buarque, considerado por esse autor e por muitos outros, o nosso maior compositor de *mpb*, letrista inigualável e leitor privilegiado da nossa realidade que nunca se ausentou da cena sociopolítica-cultural brasileira desde meados da década de 1960, fosse no campo musical ou no teatro, cinema e literatura. Revelou-se um notável e minucioso artífice da palavra e como tal sempre tratou com cuidado e respeito a língua portuguesa, “essa linguagem esquecida”, como afirmou certa vez Tom Jobim. Chico utiliza nossa língua tal qual um ourives as suas joias ou um arqueólogo os seus achados, haurindo-lhe todos os recursos e potencialidades, revisitando palavras e vocábulos perdidos. Dá-nos a impressão de que para ele, a palavra é, de fato, uma substância viva, o instrumento *par excellence* do humano. Aliás, como ele mesmo o indica na sua canção “Uma Palavra” (1989); a certa altura ele diz: *Palavra prima.../ Palavra viva/ Palavra com temperatura, palavra.../ Palavra dócil/ Palavra d'água pra qualquer moldura/ Que se acomoda em balde, em verso, em mágoa.../ Feita de Luz mais que de vento*. Na verdade, um sopro de luz, um *pneuma* iluminado. Sendo assim, é ela, a palavra, a matéria-prima que consegue expressar a ipseidade humana, sua identidade mais essencial, a palavra como uma espécie de alma feita de *lume-líquido* que se ajusta, que faz a criatura humana humanizar-se e, de fato, ser o que é, ou o que deveria ser.

Nas últimas décadas Chico vem alternando em sua produção canções e livros (romances, ficções, contos). Contudo, há muito, que especialistas debruçados sobre a imensa obra musical buarqueana, perceberam nela claro teor literário de qualidade inquestionável, não apenas por que dialoga com a literatura direta e indiretamente, senão que evidencia uma prosa-poética de enorme valor nos domínios desse campo cultural, ainda que não em seus cânones formais. Ademais, há que se ressaltar, seu *corpus* não se refere a uma literatura de gabinete,

enclausurada e alheia à realidade; muito embora ele não tenha problema com a solidão quando se recolhe para dar vazão ao que escreve. Chico, desde sempre se engajou socialmente colocando-se contra a massiva e injusta desigualdade social em nosso país, suas entrevistas na mídia, seus posicionamentos pessoais e públicos, sobretudo, o seu cancionário é prova cabal disso², não somente a questão econômica, mas a exclusão, a ausência de igualdade de oportunidades, o nosso *apartheid* social, a crise ecológica, o racismo endêmico e estrutural, assim como o preconceito, a ignorância, a intolerância, o obscurantismo, a coragem covarde nas redes sociais, a discriminação sexual e religiosa, a violência pública e doméstica, a misoginia..., falamos de uma produção feita na trincheira, no *front* da luta cotidiana no Brasil com suas mazelas sociais e gritantes contrastes.

Enfim, suas músicas nunca deixaram de salientar a *denúncia* dos males enraizados na sociedade brasileira, ouvi-las, pelo menos para este autor, é sempre recordar o nosso principal poeta abolicionista, em seu poema “Bandido Negro”: *Cai, orvalho de sangue do escravo/ Cai, orvalho, na face do algoz/ Cresce, cresce, seara vermelha./ Cresce, cresce, vingança feroz*. Ou, a sua oração em “Navio Negroiro”: *Senhor Deus dos desgraçados!/ Dizei-me vós, Senhor Deus!/ Se é loucura... se é verdade/ Tanto horror perante os céus?!/ Ó mar, por que não apagas/ Co’a esponja de tuas vagas/ De teu manto este borrão?...* De igual modo, as canções de Chico Buarque invariavelmente apontavam e apontam caminhos de *resistência* e *esperança*. Em 1966, ainda no início da carreira artística, compôs em 1965 “Olê, Olá”, nela dizia: *Não chore ainda não, que eu tenho a impressão/ Que o samba vem aí...* Em seis décadas vieram muitos sambas. No presente artigo deste Dossiê, dedicado à confluência entre *Religião*³ e *Música*, discorro sobre o trinômio: *Denúncia–Resistência–Esperança* no interior de uma trilogia musical buarqueana construída nos últimos doze anos (2011-2022) em três canções: *Sinhá*, *As Caravanas* e *Que Tal Um Samba?*

O presente trinômio expressa, de fato, uma condição triádica, quer dizer realidades que se apresentam e se veiculam objetiva e externamente em

² Ver a respeito: FERNANDES, Rinaldo (org.). *Chico Buarque: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos*. São Paulo: LeYa, 2013; CAVALCANTE, Ronaldo. *Essas mulheres: o protagonismo da mulher na canção de Chico Buarque – memória, imaginação, luta*. São Paulo: Recriar: 2021; MENEZES, Adélia B. de. *Figuras do feminino na canção de Chico Buarque*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2001; LIMA, Alberto. *Quem é essa mulher? A alteridade do feminino na obra musical de Chico Buarque de Holanda*. São Paulo: Cepe Editora, 2017; WISNIK, José Miguel. *Sem receita: ensaio e canções*. São Paulo: Publifolha: 2004, p. 243-259 [“O Artista e o Tempo” em parceria com Guilherme Wisnik]; PESSOA, Marcelo. *A crônia-canção de Chico Buarque*. Curitiba: Appris, 2013; SILVA, Fernando de Barros e. *Chico Buarque*. São Paulo: Publifolha, 2004. HOMEM, Wagner. *História de canções: Chico Buarque*. São Paulo: Leya. 2009; SILVA, Amazildo, V. da. *Quem canta comigo: Representações do social na poesia de Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. São obras, entre tantas outras, que exploram o aspecto social nas canções de Chico, privilegiando a mulher, mas não apenas.

³ Entre cientistas da religião e teólogos, CALVANI, Carlos Eduardo B. *Teologia e mpb*. São Paulo: Loyola, 1998 é obra precursora e certamente abriu caminho de pesquisa sobre religião e música. Calvani dedica todo o capítulo V a Chico Buarque analisando algumas canções sob a ótica da teologia/religião.

manifestações sociais e religiosas. A religião é, como pensava Durkheim, um importante “fato social” uma vez que, em tese, enseja forte coesão comunitária:

É uma resultante da vida comum, das ações e reações que se estabelecem entre as consciências individuais; e se repercute em cada uma delas, é em virtude da energia social que ele deve precisamente à sua energia coletiva... é que uma mesma força os move no mesmo sentido. Cada um é arrastado por todos... Um fato social se reconhece pelo poder de coerção externa que exerce ou é capaz de exercer sobre os indivíduos; e a presença desse poder se reconhece, por sua vez, seja pela existência de alguma sanção determinada, seja pela resistência que o fato opõe a toda tentativa individual de fazer-lhe violência... Apaixonamo-nos, com efeito, por nossas crenças políticas e religiosas, por nossas práticas morais, muito mais do que pelas coisas do mundo físico (DURKHEIM, 1999, p. 9-10 e 33).

A excelência da religião como fato social se revelaria nas duas obras fundamentais seguintes de Durkheim: *Le suicide* (1897) e *Les forms élémentaires de la vie religieuse: Le système totémique en Australie* (1912), ambas já traduzidas em Português⁴. As reflexões da sociologia de Durkheim, simultaneamente à de Weber e de tantos outros (W. Sombart, G. Simmel, F. Tönnies, R. Merton, C. Hill, H. Desroche, K. Mannheim), revelam que historicamente o fenômeno religioso, a despeito de incorrer em atitudes de boicote social, isolamento do mundo e alheamento comunitário, foi importante elemento na origem de mudanças sociais. Mudanças que no segmento religioso judaico-cristão podem ser notadas, em especial no profetismo em Israel, que na sua evolução histórica, nos momentos iniciais manifestou características mais extáticas ou exaltadas na época dos juízes e na monarquia nascente para, após esse período, “tratar dos grandes temas de promessa e castigo” (SEUBERT, 1992, p. 9) e somente depois na primeira metade do século VIII a.C., se desenvolveria aspectos sócio-políticos em uma mensagem que trazia o incômodo da *Denúncia*, a obstinação da *Resistência* e a paciência da *Esperança* em meio a um discurso fortemente religioso, pois o profeta falava em nome de Deus, é o caso de quatro profetas: Oséias, Amós, Isaías e Miqueias⁵. Esta tradição entrava em “pugna santa” com a monarquia e com seus profetas palacianos. Em seu momento, o cristianismo, já em meio à deterioração política e moral do Império Romano, herda do judaísmo diversos elementos cúlticos, litúrgicos, pedagógicos, contudo, os aspectos éticos do profetismo tornaram-se elementos fundantes da fé cristã mediados, em sua gênese por João Batista e Jesus de Nazaré, ambos foram essencialmente profetas. Nos séculos posteriores da Idade Antiga e Idade Média, a profecia se fazia ouvir, particularmente em contraposição ao processo de institucionalização do cristianismo, primeiramente com os imperadores Constantino (272-337) e Teodósio (347-395) ainda no Século IV ao

⁴ *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 e *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

⁵ Acerca dessa temática, recomendo: ASURMENDI, Jesus. *O profetismo*. São Paulo: Paulinas, 1988; WILSON, Robert R. *Profecia e sociedade no antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 1993.

transformarem o cristianismo em religião do império e em todo o medievo a partir de Gregório Magno (540-604) com a formação da grande tradição cristã católica – a cristandade. Em quase um milênio de história, a hegemonia política e cultural do catolicismo testemunhou internamente o surgimento de diversos movimentos proféticos no afã de se retornar ao Evangelho puro e simples. O clímax de tais movimentos deu-se no início do século XVI com a Reforma Protestante na Alemanha e na sequência em praticamente toda a Europa, contra a instituição católica e internamente em relação às diversas denominações que foram surgindo no próprio protestantismo, novamente recorrendo à tríade: *Denúncia-Resistência-Esperança*.

1. A escravidão no DNA do Brasil

*Pra quê que vosmincê
Meus olhos vai furar
Eu choro em iorubá
Mas oro por Jesus
Pra quê que vassumcê
Me tira a luz.*

Quando ouvi *Sinhá*⁶ pela primeira vez no lançamento, disse a mim mesmo, “será a música do século no Brasil”! Eu estava equivocado, *As Caravanas* e *Que tal Um samba?* Ambas ainda não haviam sido compostas. No conjunto, as três canções se equivalem em conteúdo profético de *denúncia* e *resistência* em face de uma realidade social enferma e, concomitantemente, de beleza estética na melodia e na arquitetura de seu letramento que as faz transcender, anunciando *esperança*; o “belo” na arte tem essa função de nos dizer que a história continua e que, apesar de tudo, a caravana segue e em face da arte, o humano recobra sua humanidade. No caso de *Sinhá*, faixa 10 do álbum *Chico* de 2011, percebe-se uma maioria bem sedimentada, fruto da brilhante parceria com João Bosco. Segundo Mantovani:

João Bosco e Chico Buarque trouxeram ao mundo musical uma das mais belas, profundas, enigmáticas e emocionantes canções que já se fez, num retrato social e antropológico marcante dessa nossa raça brasileira. “*Sinhá*”, feita em 2010, é o sopro lírico por sobre as feridas da vergonhosa escravidão, a chance de olharmos para nós mesmos e compreendermos nossa brasilidade. (MANTOVANNI, 2020, s.p).

Trata-se, pois de uma fotografia realista de um instante na história colonial do Brasil nada insólito, uma prática cotidiana daqueles tempos. É como se os

⁶ Acerca da canção *Sinhá*, dispomos de várias análises. Recomendo algumas: TERRA, Kenner e SCHAEFFER, Abdruschim. “Pra quê que vosmincê meus olhos vai furar: corpo, dominação e ambigüidade em *Sinhá*”. In: CAVALCANTE, Ronaldo. *Essas mulheres...*; RIBEIRO, Priscilla e HERNÁNDEZ, Leonor. “*Sinhá*: por trás da brancura da casa-grande”. In: CAVALCANTE, Ronaldo. *Essas mulheres...*; CORVACHO, Suely. “*Sinhá*, uma canção para não esquecer”. In: <https://esquerdaonline.com.br/2016/09/02/sinha-uma-cancao-para-nao-esquecer/>.

autores presenciassem *in loco* e nos levassem com eles àquele momento abjeto de tortura, traduzindo, em síntese, mais de 300 anos de história da prática escravagista no Brasil. *Sinhá* nos permite ver, mais que ouvir, de forma nua e crua o que os diversos autores nos descrevem como sendo uma mancha inapagável na nossa história. Mas, afinal de contas, o que foi a escravidão no Brasil? Darcy Ribeiro responde:

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atrozes, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável... Apresado aos quinze anos em sua terra, como se fosse uma caça apanhada numa armadilha, ele era arrastado pelo pombeiro – mercador africano de escravos – para a praia, onde seria resgatado em troca de tabaco, aguardente e bugingangas (RIBEIRO, 1995, p. 118-119).

Hoje sabemos, por fontes de pesquisa seguras disponíveis, que a marca característica do sistema escravocrata era, sem dúvida alguma, a violência. No caso brasileiro, deveu-se, em grande parte, à monocultura da cana-de-açúcar, que exigia uma quantidade imensa de trabalhadores, e para tanto, era preciso fornecer justificativas mínimas que legitimassem esse grande empreendimento. Há que se repetir o óbvio – não, não foi um encontro de culturas, como se europeus tivessem vindo às Américas para aprender um novo estilo de vida. Eram exploradores das riquezas aqui descobertas e, por isso mesmo, instrumentalizaram inclusive a religião para escamotear as reais intenções. Porém, a didática do dia-a-dia revelara o real: poder coercitivo e violência desmesurada.

Servindo-se de um discurso paternalista e também religioso – no sentido da promessa da redenção futura –, o sistema era explicado a partir da necessidade do uso exclusivo da coação... Punições públicas, o tronco exemplar, a utilização do açoite como forma de pena e humilhação, os ganchos e pegas no pescoço para evitar as fugas nas matas, as máscaras de flandres para inibir o hábito de comer terra e assim provocar o suicídio lento e doloroso, as correntes prendendo ao chão; construiu-se no Brasil, uma arqueologia da violência que tinha como fito constituir a figura do senhor como autoridade máxima, cujas marcas, e a própria lei, ficavam registradas no corpo do escravo (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 91-92).

Por trás desse cotidiano de sofrimento e mais profundamente hediondo ainda no sistema que o alimentava de modo permanente e obstinado, lidimando-o, foi precisamente o fato de que o índio e o negro não eram seres humanos; esta era a premissa fundamental, praticamente um dogma *teoantropológico* – desalmados da essência cristã estavam eles catalogados e marcados (a ferro quente) como mercadorias de um dono, avaliadas por dentes e músculos a serem cambiadas; sim, o escambo era também de seres humanos.

Com essa prática ignóbil, instalou-se durante mais de três séculos um processo brutal e gigantesco de reificação, no qual, milhões de seres humanos foram destituídos de sua dignidade, autonomia e autoconsciência, coisificados. Tal condição maculou nossa genética cultural e hoje, esse passado nos assombra, uma vez que;

Todos nós brasileiros somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados, todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos (RIBEIRO, 1995, p. 120).

O Brasil, como sociedade, se tornou o “estudo de caso” mais longo do sistema escravista, a maior de todas as iniquidades, como novamente nos elucida Darcy Ribeiro: “A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista” (RIBEIRO, 1995, p. 120). E, além de termos o vergonhoso “prêmio” de último país das Américas a abolir a escravidão com estatísticas e números pavorosos, ainda hoje toleramos atitudes públicas e privadas infames e deploráveis. Não nos esqueçamos jamais do alerta de F. Fanon: “A sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não escapa à influência humana. É pelo homem que a Sociedade chega ao ser. O prognóstico está nas mãos daqueles que quiserem sacudir as raízes contaminadas do edifício” (FANON, 2008, p. 28). Precisamente no momento atual do Brasil, o “gatilho” político acionado em 2016-2018 fez que se manifestassem vagas de ódio; abertas as comportas, sentimentos vis foram cavilosamente manipulados por um mandatário absolutamente indigno do cargo que ocupa, não apenas por sua incompetência, mas principalmente por sua perversidade; contudo, o mais grave e que aterra, é ter sido escolhido pelo voto popular. O vaticínio de Darcy Ribeiro vai se cumprindo em nossos dias! Ademais, há que se ter bem claro e não interpretar mal o conhecido conceito do brasileiro de “homem cordial” desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda⁷, ou seja, agindo primeiramente pela “cor” – pelo coração, o brasileiro pode agir cegamente e promover uma cultura perigosa, basta ler a nossa história e perceber que

O Brasil foi o maior território escravista do hemisfério ocidental por quase três séculos e meio. Recebeu, sozinho, quase 5 milhões de cativos, 40 % do total de 12,5 milhões embarcados para a América... A escravidão no Brasil foi uma tragédia humanitária de proporções gigantescas (GOMES, 2019, pp. 24 e 34)

Em correlação com tal descrição antropológica, a canção *Sinhá*, no dizer de José Miguel Wisnik (2011): “...é uma impressionante formulação da doçura e da

⁷ HOLANDA, Sérgio B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras, 1995, p. 141-151, bem como, as notas explicativas 1 a 15 postas ao final nas páginas 204-206 relativas ao capítulo 5. Ver ainda: HOLANDA, Sérgio B. de. *O homem cordial*; seleção de textos de Lilia Schwarcz. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2012, p. 44-59.

truculência brasileiras, bebidas na mesma fonte, e um salto poético na elaboração do enigma terrível e fascinante da ambivalência da nossa mestiçagem”.

A melodia de *Sinhá* foi composta na medida exata para a letra de Chico Buarque; segundo João Bosco, é um *afro-samba-milonga*, quer dizer, um samba com acentuadas memórias africanas, porém, narrado como uma história, por meio do ritmo sulista da milonga. É muita riqueza numa só canção! Começa, em meio aos acordes iniciais, com um suave assovio, em seguida se potencializa por meio de marcada percussão no violão, atabaques e chocalhos. O chocalho traz essa africanidade; como não se lembrar de “Morena de Angola” (1980), na voz de Clara Nunes, canção emblemática de Chico que em *ensaio* anterior perguntávamos: “será que é o *objeto-chocalho* que induz a morena a mexer ou é o *sujeito-morena-canela* que faz chocalhar o chocalho?” (CAVALCANTE, 2021, p. 518). Nesse tributo a Angola e a mulher angolana em movimento, o chocalho é sinal de alegria, de liberdade e de luta pelo M.P.L.A. (*Movimento Popular de Libertação de Angola*) independência conseguida em 1975. A música reflete, pois, esta euforia da liberdade. No caso de *Sinhá* o chocalho é um lamento melódico colocado entre as estrofes que não traduz movimento e sim a expectativa pela iminência da tortura, ele acompanha o estribilho *lê îê lê îê re, lê îê lê îê re*, quase um réquiem de dor no interior da senzala. No tronco público dos horrores, o escravo atado, pranteia, resiste e argumenta: *eu choro em lorubá... Sequestrados e trazidos para cá, em sua maioria, pela “rota de Angola”, as escravas e escravos perdiam o sentido da existência, milhares morreram na travessia, e os que aqui chegaram estavam na condição de desarraigados de seu habitat. Entretanto, a respeito do sistema da escravidão transatlântica, é preciso também considerar:*

... o papel da resistência dos africanos à escravidão. O navio negreiro era um contêiner explosivo de brutalidade e desespero. O miasma do desespero produzia muitas formas de resistência – greves de fome, suicídio e insurreição, a maior ameaça de cada viagem (DRESCHER, 2011, p. 71).

Sinhá é muito isso; em meio ao tormento, vislumbra a *esperança*, por isso resiste. Sua *resistência* ecoa e se faz *denúncia*. Nesse processo, a canção recupera a alma reprimida do escravo. Sim, a narrativa nos conduz a reencontrar sua alma, encoberta sob a pele marcada, por meio da argumentação junto ao senhor do engenho, diante do capitão do mato, do feitor e dos seus irmãos; perante a sociedade racista de ontem, num acerto de contas histórico e de hoje na herança maldita que nos aflige. É do escravo a única voz que se ouve no drama e que domina todo o conto. A alma humana que normalmente se revela no júbilo, na alegria e contentamento, na amizade dos comensais em uma mesa farta, na dança em volta da fogueira, em *Sinhá*, pelo contrário, se revela de forma epifânica por meio de palavras justificativas e apologéticas. Ela encontra um novo caminho e por ele reaparece, temos aqui uma verdadeira sinapse de alma, uma ação *pneumica*. Ela vence o complexo de inferioridade que está presente em todo povo colonizado (FANON, 2008, p. 34). A alma, buscando seu caminho de saída,

encontra-o na palavra que profere a *denúncia*, que articula a *resistência* e que evoca a *esperança*.

A Sinhá, mulher da casa-grande, está ausente, dela só temos o nome da canção, sua ausência se evidencia na partícula condicionante inicial, “Se”: *Se a dona se banhou...* e termina com outro “Se”: *Se a dona se despiu...* Assim, primeiramente a dúvida se Sinhá realmente se banhou e se despiu e em seguida a afirmação do escravo em forma negativa: *Eu não estava lá.../ Eu não olhei, Sinhá.../ Sou de olhar ninguém/ Não tenho mais cobiça/ Nem enxergo bem. As negativas precedem as súplicas religiosas em forma de juramento: Por Deus nosso Senhor.../ Eu juro a vosmecê.../ Me benzo com o sinal da Santa Cruz.../ Mas oro por Jesus. Pode-se notar que as cláusulas religiosas intentam a sensibilização do carrasco, sua humanização. Em geral, o apelo religioso poderia sim surtir o efeito desejado, uma vez que o sistema escravagista e a tortura em particular, possibilitavam gerar um problema de consciência para os senhores donos de escravos; é o que constata Suely Corvacho ao citar Florestan Fernandes, para quem, “o catolicismo criou um drama moral para os antigos senhores de escravos, pois a escravidão colidia com os ‘mores’ cristãos” (CORVACHO, 2016). Não obstante, os castigos aconteciam em profusão e de forma exemplar:*

A canção relembra as punições comuns no sistema escravocrata e a autoridade do senhor do engenho, que tinha total domínio sobre os corpos de seus trabalhadores e trabalhadoras em uma estrutura estabelecida no poder e submissão, em que os castigos além de serem inibidores e coercivos, reforçavam a assimetria social (TERRA; SCHAEFFER, 2021, p. 477).

Chico Buarque nos surpreende ao finalizar a canção com a presença do narrador, quer dizer, justapõe na trama um personagem novo; temos então uma história dentro da história, – esse personagem está identificado como um “cantor atormentado”, mas não se trata de qualquer narrador e sim de um “herdeiro sarará”. Sua fala parece subverter toda a lógica construída no “conto”. O que ele fala é verossímil? Ou é apenas um desfecho ambíguo? De qualquer forma, Sinhá, a mulher da casa-grande, no epílogo da canção (explicação externa ao conto, mas incorporada na canção) parece estar redimida de sua ocultação. Quis Chico redimi-la ao revelar o segredo do seu affair com o escravo? P. Ribeiro e L. Hernández entendem que Sinhá reaparece forte aqui:

A mandinga, o feitiço são, então, licenças poéticas para evocar a magia do amor, ou seja, o mistério de uma relação de profunda mútua atração entre dois seres humanos... A Sinhá deu à luz... Ora, dar à luz não é nada banal. Dar à luz é um ato de luta. Dar à luz é se sacrificar. No caso de Sinhá, é mais ainda: A Sinhá que dá à luz a um filho com sangue sarará é protagonista de um ato de resistência... Ela demonstra grande liberdade de espírito, pois em vez de reprimir o sentimento crescente nela, o reconhece e o admite. Ela percebe que aquilo que não deve ser não só pode ser, mas é (RIBEIRO; HERNÁNDEZ, 2021, p. 492).

Creio estarmos diante de um legítimo paradoxo buarqueano, quase uma aporia, um enigma; impossível talvez de ser decifrado. Enigmas não são incomuns em suas sofisticadas composições. De um lado, um eloquente escravo a se defender do que não fizera, mas que, de fato, fez. Porém, não fez sozinho. De outro lado, uma Sinhá, sua voz ausente em toda a narrativa, mas que surge ao final, por meio de seu herdeiro e a comprovação de que a mestiçagem formadora do Brasil foi e é devida também à mulher branca da casa-grande. Na denúncia e resistência, nasce no horizonte da dor, uma esperança palpável, pois na magia da união dos corpos enfeitados no amor nasce a cor mestiça da brasilidade. Com isso, a meu ver, está mais que justificado o nome dela nessa canção atemporal. Nesses tempos sombrios de cólera social, afirmar o amor, com ou sem mandingas de Sinhá e seu escravo é transgressão que faz iluminar as trevas do Brasil!

2. Violência, desigualdade e racismo no Brasil de hoje

*Tem que bater, tem que
matar, engrossa a gritaria
Filha do medo, a raiva é mãe
da covardia.*

A violência no Brasil, privada ou pública é, no momento, uma epidemia que avança em todos os quadrantes do nosso país. Deixou de ser algo apenas conjuntural e isolado, limitada a alguma classe ou estrato social; vai-se fazendo estrutura sistêmica, como *modus vivendi* e característica identitária do povo brasileiro; a se configurar assim, presenciamos nesses “tristes trópicos” o retrocesso da civilização à barbárie e mesmo à selvageria quando considerados determinados atos de violência em geografia urbana, como no caso de linchamentos. Claro como um dia de sol que o executivo federal recém desempossado em sua política armamentista, insuflou a torná-la ainda mais ostensiva no cotidiano; é um desastre completo e uma forma brutal de matar a democracia⁸, instalando o caos ao debilitar as instituições que dão estabilidade ao país, como o poder judiciário e a imprensa, tanto quanto aquelas normas políticas norteadoras e balizadoras da vida civil em comunidade. Tentar então compreender a violência é uma tarefa urgente para superá-la, pois, como é sabido, há que se conhecer o mal a fim de combatê-lo.

A epígrafe buarqueana acima, estribilho da canção *As Caravanas*, sintetiza de forma genial a questão da violência. Num sentido social e psicológico, ela é, antes de tudo, um ato de covardia seja ela cometida no recesso do lar, no trânsito, num assalto, contra uma manifestação que reivindica direitos das minorias, num assassinato contra quem protege nossa floresta ou num ato terrorista, ao não aceitar o resultado do voto popular em um processo democrático legítimo, etc. Por sua vez, a covardia procede ascendentemente da raiva e do medo. Uma sociedade que

⁸ Ver a respeito: LEVITSKY, Steven e ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Zahar: Rio de Janeiro, 2018.

se alimenta de ódio, de ira, o faz por insegurança e temor. O medo torna-nos agressivos, como modo de defesa. Sim, a covardia individual ou coletiva possui uma linhagem, ela integra uma genealogia perversa – aquele desvio de caráter em desfavor de outrem que, massificando-se torna enferma toda uma sociedade – engrossa a gritaria, resultando num tipo de anomia social na qual, atitudes iníquas passam a ser triviais e assimiladas por pessoas comuns e no caso brasileiro atual, legitimadas, inclusive por narrativas apregoadas religiosamente.

De onde vem tudo isso? Como entender a escalada da violência e todo esse desarranjo social por que passa o Brasil? Devemos ser realistas e honestos em assumir nossas mazelas e pecados trazendo à tona nosso problema de fundo: três séculos e meio de escravidão, uma ignominiosa herança conforme exposto acima, resolvida apenas parcialmente com a Abolição da Escravatura em 13 de maio de 1888 com o decreto da Lei Áurea, assinado pela Princesa Isabel. Significa dizer que o problema do Brasil não é a carência natural, pois a natureza brasileira é exuberante e rica em todos os aspectos e, grosso modo, não temos necessidade de quase nada. Nosso problema real é o ser humano, sua cobiça, ganância e o sistema social que se construiu, atendendo à volúpia econômica, concentração de renda, desrespeito, egoísmo, intolerância, discriminação etc., vícios que vem causando nossa erosão moral há séculos. Vale recordar aqui as primeiras reflexões do jovem J. Nabuco, ainda estudante ao final do seu curso de Direito no Recife. Por volta de 1870, afirmava ele que por causa da escravidão

O laço moral dos cidadãos afrouxou-se, quebrado o laço moral dos homens. Os princípios, também como as ideias, foram violados por uma aplicação exclusiva, que importava o privilégio de uma raça: as leis, que nada mais são do que o encadeamento lógico dos princípios foram totalmente esquecidas... O que não queremos é que se diga que a escravidão já está julgada entre nós como um fato moral; não está. A geração atual não tem consciência de sua posição em relação aos escravos; se tivesse não a aceitaria... O Brasil é um dos maiores países do mundo e o mais prodigamente dotado pela natureza... Ao lado dessa opulência com que se deleitou a natureza, as obras dos homens atestam um grau inferior de cultura... é um contraste indizível... Como pode ser criado para a democracia um povo que pratica a igualdade com a escravidão, a liberdade com a escravidão, a fraternidade com a escravidão? Não há também sociedade brasileira possível enquanto os nascidos do mesmo solo forem divididos em duas raças. (NABUCO, 1999, p. 1; 51-53)⁹

Com a manutenção e longevidade do colonialismo e escravismo, enraizou-se no Brasil a cultura do racismo e seus herdeiros diretos: elitismo, classismo, discriminação, introjetados em nossas veias culturais e seu resultado mais perverso foi e é a *desigualdade*. Ela se afirma hoje como o nosso grande mal, o inimigo a

⁹ NABUCO, Joaquim. *A escravidão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 1, 51-53. O livro está dividido em três partes: I. “O crime”; II. “A história do crime”; III. “A reparação do crime”, somente as duas partes foram escritas, ficando o texto incompleto.

ser vencido, precisamente porque mantém todos os vícios que a produziram, atualizados impedindo que em distintos *topoi* sequer consigamos níveis mínimos de cidadania. José Murilo de Carvalho, um dos nossos principais intelectuais, com o seu olhar clínico, vinte anos atrás nos alertava:

... as maiores dificuldades na área social têm a ver com a persistência das grandes desigualdades sociais que caracterizam o país desde sua independência... A escandalosa desigualdade que concentra nas mãos de poucos a riqueza nacional tem como consequência níveis dolorosos de pobreza e miséria (CARVALHO, 2012, p. 207-208).

Os dados estatísticos que ele traz em todo esse livro já estão datados, nossa situação é bem pior hoje; em seu momento Carvalho pontuava que “Roubos, assaltos, balas perdidas, sequestros, assassinatos, massacres passaram a fazer parte do cotidiano das grandes cidades, trazendo a sensação de insegurança à população, sobretudo nas favelas e bairros pobres” (CARVALHO, 2012, p. 212). O tema da *desigualdade* possui aspectos bem técnicos em economia, educação e ciências sociais¹⁰, os quais estão fora da nossa intenção no espaço do presente artigo. Não é demais lembrar que todos os países colonialistas no Ocidente e que implantaram o regime escravista são países cristãos, católicos e protestantes, quer dizer fincaram as raízes da desigualdade antagônicas aos próprios princípios do cristianismo. José Eustáquio D. Alves registra em importante artigo¹¹ que os países mais religiosos são os mais desiguais socialmente, já o secularismo se mostra como importante instrumento contra as injustiças sociais, talvez porque no universo religioso permanece quase sempre presente à sombra da hierarquia, o que, conscientemente ou não, se transfere para as relações sociais. Com a evolução do debate sobre a desigualdade, as áreas da economia e sociologia ganharam espaço e passou a ficar evidente o tema da raça¹², é o que nos esclarece Sueli Carneiro, que vem trabalhando esta temática durante os últimos vinte anos, segundo ela, a importância da racialidade ganhou destaque nos estudos sociológicos e econômicos o que evoluiu para “O reconhecimento institucional como uma questão estratégica do combate ao racismo e da reprodução das desigualdades raciais” (CARNEIRO, 2011, p. 25). O mito da democracia racial por meio da miscigenação apenas camufla a continuidade das enormes desigualdades raciais no Brasil que se arrastam quais correntes da escravidão.

¹⁰ Ver a respeito: SOUZA, Pedro H. G. Ferreira de. *Uma história de desigualdade: a concentração de renda entre os ricos no Brasil 1926-2013*. São Paulo: ANPOCS/HICITEC, 2018; BARROS, Ricardo P. de (et al.). “Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável” – dossiê desigualdades. In: RBCS Vol. 15 n 42 fevereiro/2000, p.123-42; GUZZZO, Raquel Souza Lobo e FILHO, Antonio Euzébios. “Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora”. In: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200005

¹¹ <https://www.ecodebate.com.br/2018/11/23/>

¹² Ver a respeito: FRY, Peter. *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 167-348.

Na canção *As Caravanas*, de Chico, os desiguais são prontamente notados o que parece explicitar a *intentio auctoris* – o *racismo* – juntamente com seu correlato direto, a exclusão social e, claro, a presença da temática da religião, nesse caso, a islamofobia, como a identifica A. Menezes, segundo ela, ao evocar *O Estrangeiro*, de Camus, Chico faz “um ponto de inflexão na canção... há uma clivagem no corpo do poema, o estilo muda, o tom se altera” (MENEZES, 2021, p. 28). Gente do subúrbio carioca que em caravanas de ônibus invadem a Zona Sul. Copacabana e sua esplêndida beleza é o *locus*, mas que, na verdade, encena a tragédia urbana do Brasil, o encontro dos contrários.

O estranho é aquele que de algum modo, gera a desconfiança de um grupo por ser diferente, seja pelas suas ideias, local de nascimento e ou moradia, raça ou etnia e identificação sexual. A presença desse ser inquietante nos coloca diante de fatos que temos muita dificuldade em lidar, ele é o nosso “o bode no meio da sala”, expressão popular que diz respeito a alguém ou alguma coisa que gera incômodo e desconforto, mas que não temos ideia do que fazer para dar fim naquele mal estar (TORQUATO e CASTILHO, 2021).

Chico já havia descrito tal conflagração na canção *Subúrbio* do álbum “Carioca” (2006) onde deu voz aos que não a tem, dizendo: *Fala na língua do rap/ Desbanca a outra/ A tal que abusa/ De ser tão maravilhosa... Lá tem Jesus/ E está de costas*. Em *As Caravanas*, fica evidente a reação da *gente ordeira e virtuosa que apela/ Pra polícia despachar de volta/ O populacho pra favela/ Ou pra Benguela, ou pra Guiné*, mesclando o momento atual com a memória da escravidão e do tráfico negreiro. Sendo a praia um lugar público e democrático, Chico se utiliza como lhe é peculiar, de uma cirúrgica ironia para descrever o absurdo brasileiro, evocando a voz de Albert Camus em “O Estrangeiro” (1942). Em outra praia, na Argélia, o funcionário público francês, Mersault, assassina um árabe à queima-roupa com cinco tiros debaixo de um sol escaldante e que na justificativa torna-se o culpado – *Sol/ A culpa deve ser do sol/ que bate na moleira/ O sol que estoura as veias/ O suor que embaça os olhos e a razão*; a repulsa ou o ódio diante do outro diferente, daquele que não reflete minha imagem e semelhança, *esses estranhos/ Suburbanos tipo muçulmanos do Jacarezinho/ A caminho do Jardim de Alá*, estranheza que ocasiona a nossa tragédia social, o embrutecimento das relações. Assim, as favelas, subúrbios, verdadeiros redutos da cultura negra, inclusive de sua religiosidade, tornam-se o equivalente dos antigos guetos, senzalas ou *de caravelas no alto mar*. O ritmo da canção é tão forte quanto sua letra – um *maracatu/funk* denunciando com força nosso *apartheid*, escamoteado na pele mestiça. Os arrastões justificam a violência arbitrária – *tem que bater, tem que matar é a ordem da classe média, cada vez mais elitista e burguesa*, que com a atual política federal “engrossa a gritaria”. Objeto da fúria discriminatória e segregadora é a Zona Norte – *A caravana do Arará, do Caxangá, da Chatuba/ A caravana do Irajá, o comboio da Penha*, segue-se a lógica do “bandido bom é bandido morto”, norma prevalente no momento atual brasileiro, norma que se impõe, bradada cada vez mais alta.

Diante desse panorama, Chico não tem dúvidas em revelar a genealogia da perversidade que nos habita e que assola a alma brasileira: “Filha do medo a raiva é mãe da covardia”, brilhante síntese do demoníaco a ser exorcizado. Todo esse absurdo descomunal não seria apenas um pesadelo? Não pode ser real – ...*ou doído sou eu que escuto vozes,/ não há gente tão insana nem caravana do Arará.* Mas não, trata-se da realidade, algo tangível e verificável empiricamente no cotidiano. O pesquisador, K. Terra afirma que “O narrador expõe com maestria e frieza irônica a injustiça, arrogância e preconceito... o poeta denuncia com poesia e profecia, criatividade e criticidade... a hermenêutica perversa das relações sociais é desnudada em sua mais risível característica: a ignorância” (TERRA, 2019, p. 41). A escravidão, como ferida ainda aberta e matricial que embasa toda espécie de discriminação, racismo e preconceito, segue acompanhando as caravanas sociais de nossa grande nação replicando ações desumanizadoras em pleno século XXI, barbarizando e tocando o terror em plena luz do dia, vilipendiando e aviltando as parcas conquistas de cidadania conseguidas com muito esforço. Porém, *o sol que bate na moleira, o sol/ Que estoura as veias, o suor/ Que embaça os olhos e a razão*, quiçá nos pode trazer a luz que esclarece, por meio da *denúncia e resistência*, produzindo *esperança*. É o que esperamos! Porém, não se trata de uma espera passiva, inerte, ela está repleta de articulação com as forças democráticas, com as instituições políticas, sociais, como também das forças religiosas progressistas que leem o Evangelho como a maior potência libertadora da humanidade, que incessantemente luta contra a injustiça em nome do Cristo que a todos ama indistintamente, promovendo paz social, o cuidado harmônico da natureza e o bom uso da coisa pública.

3. O “abominável da desolação” no planalto central do Brasil e a certeza de um novo tempo

*Juntar os cacos, ir à luta
Manter o rumo e a cadência
Desconjurar a ignorância, que tal?
Desmantelar a força bruta
Então, que tal puxar um samba?*

Chico Buarque já havia composto canções ansiando e sinalizando a mudança de rumo na política brasileira – *Apesar de Você* (1970 em parceria com Francis Hime), *Cálice* (1973, lançada em 1978 com Gilberto Gil) e *Vai Passar* (1984), são claros exemplos disso em meio aos sombrios anos do regime militar, após o AI-5. A primeira se utilizando de uma relevante figura religiosa, “Você que inventou o pecado/ Esqueceu-se de inventar o perdão” e profetiza que “Amanhã há de ser outro dia”, a segunda, toda ela montada em uma poderosa metáfora cristã, na qual, o cálice de sangue de Jesus estava repleto de sangue dos torturados e mortos nos porões da ditadura, “Pai, afasta de mim esse cálice/ De vinho tinto de sangue” e esta, a terceira, já antecipando a redemocratização do país, que veio: (i) com o retorno do poder civil (1985) por meio de eleição indireta realizada em colégio eleitoral; (ii) com a nova Constituição (1988), popularmente designada

como Constituição “Cidadã”, e finalmente (iii) com as eleições diretas para presidente da república (1989). Agora, Chico nos brinda com uma nova obra prima – *Que Tal Um Samba?* (2022); assim mesmo, em um formato de pergunta, nada imperativo, mas, absurdamente sugestivo, como que nos indicando a mudança dos tempos. E nesse impulso nos descreve em síntese os males sociais que inundaram o Brasil desde 2016, desde o golpe legislativo até a eleição do “abominável”.

Explico: a expressão “abominável da desolação” está registrada nos Evangelhos de Mateus 24 e Marcos 13 e procede do Antigo Testamento, presente no livro do profeta Daniel que registra a sucessão de reinos presentes na região de Israel e por fim, menciona,

Depois se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente, e tomará o reino com engano... e se indignará contra a santa aliança, e fará o que lhe aprouver; voltará e atenderá aos que tiverem abandonado a santa aliança. E braços serão colocados sobre ele, que profanarão o santuário e a fortaleza, e tirarão o sacrifício contínuo, estabelecendo abominação desoladora” [na Vulgata: *abominationem in desolationem*]. (Daniel 11: 21, 30 e 31).

Os especialistas concordam que a profecia se refere à Antíoco Epifânio, um rei odiado pelos judeus, pois, por volta de 165 anos antes de Cristo, profanou o Templo de Jerusalém, substituindo o sacrifício com outros cultos, a "abominação da desolação", possivelmente sacrifícios de porcos oferecidos a Zeus. Jesus, quando faz menção ao ocorrido, entre outras coisas profetiza: “Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias. Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito; Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.” (Mt 24,21-14). Aqui, Jesus se reporta ao acontecido e preservado na tradição histórica do judaísmo do Segundo Templo e o projeta para o futuro fazendo imbricar religião e política. De fato, toda a história de Israel, especialmente no período romano, indicava uma realidade tensionada entre a fé monoteísta e as demandas do império. Tensão que foi também experimentada no cristianismo.

Líderes e ditadores políticos e religiosos, injustos e malévolos, além de incompetentes, desonestos, negligentes, corruptos, farsantes e mentirosos, existiram e seguirão existindo em todos os tempos e lugares. Eles, enquanto mandatários criam uma cultura de ódio e perversidade. Eliane Brum, analisando o Brasil de Bolsonaro, parafraseia o conceito de “Banalidade do Mal” de Hanna Arendt e agudiza seu significado, para ela,

A banalidade do mal se instala na ausência do pensamento. A boçalidade do mal, uma das explicações possíveis para o atual momento, é um fenômeno gerado pela experiência da internet.

Ou, pelo menos ligado a ela. Desde que as redes sociais abriram a possibilidade de que cada um expressasse livremente o seu “eu mais profundo”, a sua “verdade mais intrínseca”, descobrimos a extensão da cloaca humana (BRUM, 2019, p. 221).

A canção *Que tal um samba?* foi composta para o Brasil dos nossos dias, sim para o Brasil, que no final de 2022 vivencia o ocaso do infortúnio legitimado pelas urnas eletrônicas, e que em menos de sete anos (2016-2022) tornou-se repositório de uma inundação de vilanias e perversidades inomináveis, ações federais orquestradas que gradualmente *foram* desmantelando as conquistas em cidadania empreendidas na redemocratização, à duras penas, substituindo-as por leis e práticas nefastas do ponto de vista social, golpeando de morte os segmentos mais frágeis da nossa população, cavando mais fundo ainda o abismo entre elite e povo, sedimentando um classismo que envergonha o país no mundo e sacrifica nossa gente com desemprego, fome, miséria e morte. Sim, há que se ressaltar a própria negação do valor à vida. O filósofo e músico, V. Safatle, para quem ódio, medo e caos político fazem parte da “engenharia” social do capitão, recorda que:

Já na eleição passada, o Brasil havia se deparado com pessoas mortas por apoiadores de Jair Bolsonaro, como o caso de Mestre Môa. Na ocasião, há de se lembrar qual foi a reação do senhor que ocupa atualmente a presidência da República. Nenhuma declaração pública de consternação e luto, apenas a afirmação de: “Mas quem levou uma facada fui eu”.¹³

O recente assassinato do tesoureiro do PT no Paraná, Marcelo Arruda (09/07/2022), por um bolsonarista ensandecido, sinaliza a continuidade de um método violento de intimidação, óbvio se tratar de um crime político, ainda que se afirme o contrário. Menciono aqui, de forma sintética, por questão de espaço, apenas dois aspectos críticos de nosso momento nacional, pois violência e crise na educação estão bem interligados:

(i) *A vida descartável* – O caos, que desconsidera a vida tornando-a banal, e, mais grave ainda, por vir direcionada à sociedade pelo próprio mandatário da nação, de que fala Safatle, é o resultado do descaso, como ficou patente durante a pandemia da Covid-19, quando deflagrou uma crise sanitária sem precedentes no país, ocasionando, até o momento, cerca de 680.000 óbitos notificados. Sim, “descaso com a condição social”, é o que afirma a historiadora, F. Thomaz, pois para ela, “É a lógica do biopoder, onde pessoas específicas estão inseridas no ‘fazer viver’, enquanto outras são direcionadas para o ‘deixar morrer’”¹⁴. Thomaz destaca que pobreza e racismo são institucionalizados e atingem mais rapidamente os mais vulneráveis. De fato, em recente notícia, C. Canteras do R7, afirma, com base no depoimento de vários (as) pesquisadores (as), que a pandemia por aqui

¹³ SAFATLE, Vladimir. “As engrenagens milicianas do bolsonarismo”. In: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/safatle-as-engrenagens-milicianas-do-bolsonarismo/>

¹⁴ THOMAZ, Fernanda. “Descaso com condição social é evidência da sociedade de classe e racista”. In: <https://www2.ujf.br/noticias/2020/003/23/>

tem cara, sexo, raça, nível de escolaridade... E pelo perfil socioeconômico, os menos privilegiados têm uma taxa de mortalidade maior”¹⁵. A desvalorização e descaso da vida ficaram igualmente manifestos em desfavor de uma rápida e eficaz campanha de vacinação, tradição centenária do Brasil, como explicitado por ocasião da CPI da Covid-19, um verdadeiro boicote, configurando, pois uma *necropolítica*¹⁶ em favor de tratamentos alternativos comprovadamente ineficazes. A pandemia, além de seus números pavorosos, revelou o alto índice de violência contra a mulher em sua vulnerabilidade:

Os dados preliminares de violência letal contabilizam 1.319 mulheres vítimas de feminicídio no último ano, decréscimo de 2,4% no número de vítimas; e 56.098 estupros (incluindo vulneráveis), apenas do gênero feminino, crescimento de 3,7% em relação ao ano anterior. Os números de registros de crimes contra meninas e mulheres aqui apresentados visibilizam o quadro de violência vivenciado por elas durante a pandemia. Apenas entre março de 2020, mês que marca o início da pandemia de covid-19 no país, e dezembro de 2021, último mês com dados disponíveis, foram 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável de vítimas do gênero feminino.¹⁷

(ii) *Precarização educacional* – Esse panorama caótico no cenário brasileiro também atingiu de forma letal o campo da educação, gerando uma crise estrutural, tendo como matriz a ineficiência do governo federal. A pesquisadora Carlota Boto, reporta que já em 2019, por ocasião de um seminário internacional promovido pela Faculdade de Educação da USP, restava evidente que a educação e escola pública passavam por uma crise histórica, de lá para cá, segundo ela, “o cenário que visualizávamos naquele ano de 2019 apenas se aprofundou”¹⁸. O problema central é, de fato, a falta de políticas públicas. Rollemberg, citando novamente a profa. Boto, sintetiza a precariedade do nosso sistema educacional no atual governo, com clareza diz,

O problema da educação no Brasil é um problema que envolve, sim o financiamento. Mas envolve também o uso da verba. A impressão que dá é a de que o MEC hoje não sabe aplicar seus recursos. Não há projetos, não há diretriz, não há orientação. Falta

¹⁵ CANTERAS, Carla. “Perfil de mortos mantém pobres e homens como vítimas”. In: <https://noticias.r7.com/saude/>

¹⁶ Ver a respeito: MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2021. A pesquisadora BORGES, Rosane. “O que é necropolítica. E como se aplica à segurança pública no Brasil”, a partir da obra de Mbembe, expõe como o conceito de necropolítica se relaciona com racismo, a ideia da eliminação de um inimigo e as favelas; para ela, “A necropolítica é a política da morte adaptada pelo Estado. Ela não é um episódio, não é um fenômeno que foge a uma regra. Ela é a regra. E o Achille Mbembe elabora esse conceito à luz do estado de exceção, do estado de terror, do terrorismo”. In: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/09/27/>

¹⁷ São dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. “Violência contra mulheres em 2021”, com fartos dados estatísticos. In: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>

¹⁸ ROLLEMBERG, Marcelo. “Caminhos e Descaminhos da Educação do Brasil”. (Jornal da USP) In: <https://jornal.usp.br/atualidades/caminhos-e-descaminhos-da-educacao-no-brasil/>

interesse em investir na educação pública, analisa Carlota Boto. “Esse atual governo federal não tem projeto para a educação. Aquilo que foi desenhado pelos últimos governos também não ajuda... Assim, pode-se perguntar como se dará a formação de um jovem, se essa formação não contempla uma sólida base de História, de Filosofia e de Geografia, para citar somente três exemplos”, afirma a professora¹⁹.

A crise do INEP no final de 2021, é representativa do caos no nosso sistema educativo e sua sucessão de ministros, caricaturas empoderadas que em seu conjunto se mostraram distantes e indignos dos nomes e legados de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Milton Santos, entre outros, e que, pouco a pouco tornam-se personagens estranhos, ilustres desconhecidos em uma sociedade cada vez mais idiotizada, obscurantista e insensível. Lilia Schwarcz elabora, com base na desigualdade social em nosso país, uma síntese bem esclarecedora da história da educação no Brasil:

...o Brasil continua sendo um país injusto porque profundamente desigual. Educação nunca foi um direito de todos nesse país de proporções continentais, passado escravocrata e estruturada concentração de renda. Enquanto existiu, o sistema escravista construiu um país de realidades apartadas também nesse quesito (SCHWARCZ, 2019, pp. 132-133).

A frase lapidar de Luis F. Veríssimo, resume bem a gravidade do momento brasileiro: “nós temos razão, mas eles têm as armas”, uma sociedade dividida não mais entre ricos e pobres apenas, mas entre armados e desarmados, entre a violência e agora muito mais fatal, o risco real de fazer convergir a vida comunitária para a barafunda social como mencionado acima; previsão constatada de forma concreta no recente atentado terrorista ocorrido em Brasília contra democracia e as instituições que a sustentam²⁰, por forças populares de extrema-direita, inconformadas com o resultado do último processo eleitoral dando a vitória ao presidente Luis Inácio Lula da Silva para o mandato de (2023-2026), orquestradas e financiadas com o objetivo de tomar o poder à força e para tanto o discurso religioso foi utilizado sobejamente empunhando a Bíblia e ao som de cantos e orações. Algo inominável se abateu sobre o Brasil e, apesar da reação contundente das autoridades à tentativa de golpe, não se vislumbra, por ora, seu término!

A música de Chico, numa outra linguagem, nos sensibiliza: *já depois de criar casca e perder a ternura. Que Tal Um Samba?* – Ao mesmo tempo em que evoca a *Denúncia*, a *Resistência* e a *Esperança*, é um convite à celebração de retorno à vida, num futuro quase imediato, à volta da esquina, após *o tempo feio*, o *estrageo*, e *o fim da borrasca*; celebração em ritmo de samba, com a *coluna ereta*,

¹⁹ *Ibid.*, *op. cit.*

²⁰ Muitas análises estão sendo elaboradas, recomendo a de Boaventura de Souza Santos: ‘As conexões externas do golpismo’. In: <<https://outraspalavras.net/direita-assanhada/boaventura-aconexoes-externas-do-golpismo/10/01/2023>>.

não necessariamente um samba-enredo, tipo *Vai Passar*, ainda não, agora é preciso cautela, melhor mesmo é *Um samba com categoria, com calma*, pra recomeçar a caminhada democrática, após o susto do sequestro autoritário, *Um samba pra alegrar o dia./ pra zerar o jogo/ Coração pegando fogo e cabeça fria*. Novamente Safatle, em seu mais recente trabalho, uma eloquente autocrítica das esquerdas e da nossa democracia, com foco na economia, decifra “a recorrência estratégica de um discurso de infantilização da crítica, último capítulo de um autoritarismo que só pode impor-se através da invisibilidade de toda oposição efetiva” (SAFATLE, 2022, p. 130). Autoritarismo, conforme presenciamos, autenticado por discurso religioso fundamentalista, desvairado por poder teocrático, um sonho antigo, que, na falta de profundidade de vida espiritual do segmento evangélico, surge como opção – caricatura indigna do cristianismo!

Nesse caso preciso, entendo tratar-se de um samba, tipo “aperitivo” de volta a nossas raízes humanas, demasiado humanas, trazer de novo as pulsões humanizadoras; um samba repleto de utopias, porque não? Arrancando-nos da letargia social. E também de reconhecimento das fragilidades e, para tanto, é preciso certa preparação, desintoxicar, desopilar, purificar: *Cair no mar./ lavar a alma/ Tomar um banho de sal grosso, que tal?/ Sair do fundo do poço/ Andar de boa*. Com discreta presença de elementos religiosos: *tomar um banho de sal grosso*, ritual de origem religiosa com o fim de descarrego e também a expressão *desconjurar* novamente com origem no universo religioso, fora isso é uma legítima canção laica, talvez porque a política brasileira hoje esteja tão eivada de religiosidade portando aspectos perniciosos que além de boicotar as melhorias da sociedade, coisificam o sagrado manipulando-o com explícita usurpação do discurso religioso a fim de trazer cativa a credulidade ingênua, que cegamente acolhe messianicamente o abominável, legitimando-o. Novamente, E. Brum vai direto ao ponto,

A retórica supostamente bíblica está educando aqueles que não estão sendo educados. Eleitores estão sendo formados na adesão à política pela fé... Não há nada mais perigoso numa eleição do que o eleitor que acredita ser “um instrumento de Deus”... Na campanha eleitoral, Bolsonaro se beneficiou da crise econômica, do crescimento da violência e da produção do medo, sim. Mas sua força veio de uma população treinada para aderir pela fé ao que não diz respeito à fé (BRUM, 2019, p. 243).

Nada mais distante do Evangelho de Jesus Cristo, como sublinha a psicóloga Cris Serra, ao se referir ao fenômeno do fundamentalismo cristão²¹ e

²¹ Acerca desse fenômeno, dispomos já de abundante produção, destaco aqui algumas: CAMPOS, Breno M. (org.) *Fundamentalismo: terminologia, hermenêutica e apontamento*. São Paulo: Recriar, 2020; CUNHA, Magali. *Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação*. Salvador: Koinonia Presença Ecumênica e Serviço. 2020; BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz*. Petrópolis: Vozes, 2009; ALMEIDA, Ronaldo de e TONIOL, Rodrigo. *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018; VASCONCELLOS, Pedro L. *Fundamentalismos: Matrizes, presenças e inquietações - Temas contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

sua influência na esfera pública via poder legislativo; em seguida ela pontua que “a novidade do cristianismo consiste na desvinculação dos valores religiosos do reino da violência, da reivindicação, da vingança, do antagonismo; na preconização da gratuidade e da responsabilidade ética do Eu pelo Outro...”²². Traz à tona a distorção havida em segmentos do cristianismo que negam seus próprios valores fundantes e que em seu momento significaram um avanço para a sociedade ocidental, um novo *ethos* de convivência e cidadania. Valores humanos que a canção de Chico busca com a “beleza pura” da *Esperança*, recuperar, em meio a *Denúncia* e *Resistência*, a alma brasileira, com “A cultura” pra “Andar de boa” na construção de uma “cidade legal”.

Epílogo

Diante do gravíssimo momento atual da sociedade brasileira, em que o fator político foi aviltado por arroubos autoritários do executivo federal em conluio oportunista com forças reacionárias contrárias ao Estado Democrático de Direito e inclusive com práticas religiosas cristãs sectárias inebriadas de poder e ostentação, ocasionando grande ansiedade e expectativa sobre o futuro imediato do país, o conjunto das três canções de Chico Buarque, aqui evidenciadas, pode nos ajudar a enxergar e mesmo possibilitar a tomada de consciência de condutas sociais equivocadas em nossa história, tanto quanto, o convite para a superação da insanidade coletiva e messiânica que tenta com tenacidade raptar nossas virtudes cívicas mais nobres de respeito e preservação às instituições democráticas, colocando no seu lugar atitudes sombrias de ódio, belicosidade e violência, ameaçando de destruição aquilo que foi sendo conseguido em termos de cidadania nos últimos trinta anos.

Por meio dessas canções, é possível ver o que somos e o que podemos e devemos realmente ser na sociedade. Chico logrou diagnosticar com realismo sutil e arte, a nossa condição social pretérita e presente com perspicácia e beleza. Se, por um lado, em *Sinhá*, a violência do sistema escravista foi retratada em sua crueldade, por outro lado, tal sistema foi vencido, tanto pela resistência das argumentações de um “escravo” torturado, como por sua herança posterior, a formosura mestiça do nosso povo; por isso, a luta contra o preconceito, contra a tortura emocional, psicológica e o racismo, todavia aqui existentes, deve continuar firme e resiliente, como um memorial dos nossos antepassados negros e indígenas. Se, por um lado, em *As Caravanas* o subúrbio (periferia), da “cidade maravilhosa” está vilipendiado por bolsões elitistas, classistas ainda hoje no Brasil, sob o estigma de “populacho” a ser despachado pela “polícia”, de volta pra favela, por outro lado, não esqueçamos que tal gritaria tem como sua essência a farsa, a notícia *fake*, possível de denúncia e de ajuizamento. Sim, justiça e verdade devem ser conquistadas por uma sociedade cidadã, vigilante e crítica. Se, por um lado, em *Que Tal Um Samba?* o Brasil foi tomado de assalto e o

²² SERRA, Cristiana de A. “De Sodoma à Samaria – Cristianismo, homofobia e alteridade no Brasil”. In: BOECHAT, Walter (org.). *A alma brasileira: luzes e sombras*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 102.

resultado é um “tempo feio”, um “estrago”, “a ignorância”, “a força bruta”, “tanta demência e uma dor filha da puta”, etc, por outro lado, a cultura, a alegria, visitar os lugares da nossa sofrida ancestralidade: “cais do Valongo”, “Pedra do Sal”, “roda da Gamboa”, “juntar os cacos, ir à luta”, na cadência do samba. E, a propósito da “Carta às Brasileiras e Brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito!”, lida esta semana (08/08/2022), as três canções do Chico, podem ser ouvidas como “cartas de *Denúncia, Resistência e Esperança*”.

Referências

BARROS, Ricardo P. de (*et al.*). “Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável” – dossiê desigualdades. **RBCS**, Rio de Janeiro, Vol. 15, n. 42 fevereiro/2000.

BORGES, Rosane. “O que é necropolítica. E como se aplica à segurança pública no Brasil”. In: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/09/27/>. Acessado em 05/08/2022.

BRUM, Eliane. **Brasil, construtor de ruínas – Um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

CALVANI, Carlos Eduardo B. **Teologia e mpb**. São Paulo: Loyola, 1998.

CANTERAS, Carla. “Perfil de mortos mantém pobres e homens como vítimas”. In: <https://noticias.r7.com/saude/>. Acesso em 07/08/2022.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAVALCANTE, Ronaldo. **Essas mulheres: o protagonismo da mulher na canção de Chico Buarque – memória, imaginação, luta**. São Paulo: Recriar: 2021.

COLARES, Mantovani. ‘Sá Sinhá’. In: <https://mantovanni.blog-dominiotemporario.com.br/2020/04/01/sa-sinha/2020>.

DRESCHER, Seymour. **Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. “Violência contra mulheres em 2021”, com fartos dados estatísticos. In: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>. Acesso em 06/08/2022

FRY, Peter. **A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GOMES, Laurentino. **A escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Vol. 1: Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GUZZZO, Raquel Souza Lobo e FILHO, Antonio Euzébio. “Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora”. In: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200005. Acesso em 05/08/2022.

HOLANDA, Sérgio B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

MANTOVANNI COLARES. **Sinhá**. In: (<https://mantovanni.blog-dominiotemporario.com.br/2020/04/01/sa-sinha/2020>). Acesso em 07/08/2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2021.

MENEZES, Adélia B. de. “**As Caravanas**”: **Racismo e Novo Racismo**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 80. Dez. 2021. In: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/193390/178232>. Acesso em 11/01/2023.

NABUCO, Joaquim. **A escravidão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Priscilla e HERNÁNDEZ, Leonor. “Sinhá: por trás da brancura da casa-grande”. In: CAVALCANTE, Ronaldo (org.). **Essas mulheres: o protagonismo da mulher na canção de Chico Buarque – memória, imaginação, luta**. São Paulo: Recriar: 2021.

ROLLEMBERG, Marcelo. “Caminhos e Descaminhos da Educação do Brasil”. (Jornal da USP) In: <https://jornal.usp.br/atualidades/caminhos-e-descaminhos-da-educacao-no-brasil/>

SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço: como chegamos até aqui ou como o país dos “pactos”, das “conciliações”, das “frentes amplas” produziu seu próprio colapso**. São Paulo: Vestígio, 2022.

- SAFATLE, Vladimir. “As engrenagens milicianas do bolsonarismo”. In: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/safatle-as-engrenagens-milicianas-do-bolsonarismo/>. Acesso em 08/08/2022.
- SCHWARCZ, Lilia M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.
- SCHWARCZ, Lilia M. e STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SEUBERT, August. **Como entender a mensagem dos profetas**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- SOUZA, Pedro H. G. Ferreira de. **Uma história de desigualdade: a concentração de renda entre os ricos no Brasil 1926-2013**. São Paulo: ANPOCS/HICITEC, 2018.
- SERRA, Cristiana de A. **De Sodoma à Samaria – Cristianismo, homofobia e alteridade no Brasil**. In: BOECHAT, Walter (org.). *A alma brasileira: luzes e sombras*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 102.
- TERRA, Kenner e SCHAEFFER, Abdruschin. Pra quê que vosmincê meus olhos vai furar: corpo, dominação e ambigüidade em Sinhá. In: CAVALCANTE, Ronaldo (org.). **Essas mulheres: o protagonismo da mulher na canção de Chico Buarque – memória, imaginação, luta**. São Paulo: Recriar: 2021.
- TERRA, Kenner. Filha do Medo, A Raiva é Mãe da Covardia: Poiésis e Profecia em *As Caravanas*. In: CAVALCANTE, Ronaldo. **Cultura, religião e sociedade em Chico Buarque de Hollanda**. São Paulo: Recriar, 2019.
- THOMAZ, Fernanda. Descaso com condição social é evidência da sociedade de classe e racista. In: <https://www2.ujf.br/noticias/2020/003/23/>. Acesso em 05/08/2022.
- TORQUATO, Carla e CASTILHO, Ricardo. Um retrato da exclusão social da praia na música “as caravanas” de Chico Buarque. In: <https://jus.com.br/artigos/88507/>. Acesso em 11/01/2023.
- WISNIK, José Miguel. **Afrosamba assombroso**. In <https://paginadoenock.com.br>. Acesso em 15/01/2023.